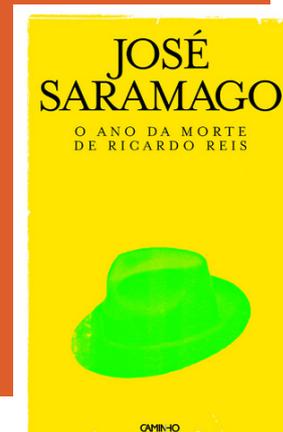


SARAMAGO, José. (1984). *O Ano da Morte de Ricardo Reis*. Editorial Caminho

A Criatura que sobrevive ao Criador



A contracapa de *O Ano da Morte de Ricardo Reis* apresenta duas frases curiosas, uma de Fernando Pessoa, “Ricardo Reis nasceu em 1887 (não me lembro do dia e do mês, mas tenho-os algures), no Porto, é médico e está presentemente no Brasil”, e outra de Saramago, “Ricardo Reis regressou a Portugal depois da morte de Fernando Pessoa”, que apresentam a personagem à volta da qual gira a ação. A primeira define quem ele é, a segunda insere-o a história, dando-nos uma informação temporal introdutória.

Nesta obra contam-se os dias passados por Ricardo Reis (um dos heterónimos pessoanos, médico) desde a chegada a Lisboa (vindo do Brasil), depois da morte de Fernando Pessoa, até à sua morte.

A obra começa com a aproximação do navio a terras de Portugal. Corre o ano de 1935, Salazar domina em Portugal, Hitler na Alemanha, Mussolini na Itália. A situação política mundial é precária, iminente a deflagração da Guerra Civil Espanhola e da Segunda Guerra Mundial. Reis desembarca e ficará três meses no Hotel Bragança, onde se tornará íntimo de Lídia, uma criada, o que inevitavelmente recorda a vertente poética deste heterónimo, que contempla a água do rio na companhia da paciente Lídia. Esta é uma das musas que a sua poesia deste heterónimo oferece, acusando influência horaciana. As outras são Cloe e Neera.

O protagonista conhece, no hotel, uma família de Coimbra, pai e filha (Marcenda e Dr. Sampaio), tendo esta uma deficiência no braço esquerdo, desprovido de movimento. Reis sente-se atraído pela jovem.

Começa, entretanto, a receber visitas do defunto Pessoa, com quem conversa longamente (sobre si próprio, a atualidade, os seus relacionamentos), que lhe diz que, face ao seu estado, tem apenas nove meses disponíveis. Estas conversas são pontos fulcrais da história, recorrentemente marcadas pelo confronto entre Ricardo Reis poeta, trazido à atenção por Pessoa, e Reis homem. Um dos pontos discutidos é o relacionamento com Lídia que contrasta com o platonismo utópico da sua poesia, em nada comparável ao real.

A constatação de que no hotel começam a desconfiar do seu envolvimento com Lídia leva-o a alugar casa no Alto de Santa Catarina. Surge, assim, um dos dois pontos de relevo na obra, na medida em que esta nova habitação traz à personagem uma nova ideia de vida. Decidido a estabelecer raízes e recomeçar a trabalhar substituirá um cardiologista a quem, ironicamente, este órgão falhou.

Todas as semanas é visitado por Lídia, que exerce funções de criada e dama de companhia, assegurando a limpeza da casa e o bem estar do patrão. Simultaneamente, o médico mantém o relacionamento com Marcenda, a quem escreve e com quem se encontra, até que uma carta termina, subitamente, a relação: Marcenda recrimina-se por o ter visitado e pede-lhe que não a volte a contactar. Afirma, também, que apesar de já não ter cura, irá a Fátima a pedido do pai, que acredita num milagre e apenas ficará em paz se pensar que a enfermidade foi vontade divina. Ricardo

Reis decide, então, ir a Fátima, arrastando a história para o mais importante ponto de viragem.

A visita a Fátima cobre-se de notável importância podendo ser encarada como o início do fim da personagem: revela algumas debilidades de Reis, sepulta a esperança de contacto com Marcenda, antecipa o seu despedimento e anuncia a separação de Lídia. A partir deste momento, o leitor apercebe-se duma quebra na personagem, arrastada para sucessivos momentos de pesar e acontecimentos negativos que, lentamente, o levam a descer as escadas até à inevitável morte.

Quando o colega regressa ao ativo, recuperado da enfermidade que o incomodara, Ricardo Reis perde o emprego. Leva então uma vida ociosa, deixando-se deteriorar aos poucos. Quando Lídia informa Ricardo de uma possível gravidez, que se confirmará, este fica perplexo sem, no entanto, sentir alguma emoção que o perturbe demasiado, por influência das doutrinas de Epicuro e Zenão (Epicurismo e Estoicismo, respetivamente), que ensinam ao homem a ataraxia e o domínio das emoções, aceitando resignadamente o acontecido porque conforme à ordem universal. O relacionamento com a criada esfria as visitas tornam-se mas irregulares. A única companhia é o ortónimo, cujas visitas vão igualmente rareando, já que esgotando-se os nove meses também a memória falha.

Ocorre, então, a última visita. Depois da discussão sobre o movimento falhado contra o regime pela

marinha, Pessoa anuncia que não voltará. Ricardo apronta-se para o acompanhar no seu destino, “ingressando” também na morte, deixando Lídia e o seu filho por nascer a chorarem, não a sua morte, mas a de Daniel, irmão dela, que sucumbiu na revolta.

Esta história tarda em envolver o leitor, já que a escrita digressiva do autor e a necessidade de destrinçar a criatura do criador – Reis e Pessoa ora se fundem ora se afastam - exigem grande esforço e atenção. No entanto, depressa surge uma grandiosa obra, narração meticulosa polvilhada de excelsas ironias e profundas reflexões críticas sobre o ambiente circundante, o contexto histórico, a personagem ou mesmo o sentido de algumas expressões populares. Tudo isto torna *O Ano da Morte de Ricardo Reis* uma obra memorável e um desafio irresistível para qualquer leitor.

108

NUNO FILIPE PEDRO FERNANDES

fernandes_nuno@live.com.pt

Agrupamento de Escolas Abade de Baçal - Bragança

Sobre o(s) autor(es)

Aluno do 12º ano, da área de Ciências e Tecnologias, do Agrupamento de Escolas Abade de Baçal, em Bragança. Indeciso quanto ao seu futuro profissional e académico. Interessa-se por diversas áreas, merecendo destaque as ciências, a literatura e as línguas. Declarado apreciador da sexta arte, enaltece a literatura portuguesa. Em parte apreciador, também, da sétima arte, particularmente dos filmes de animação

